

REFLEXÕES SOBRE O OFÍCIO DO HISTORIADOR E SEUS DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

REFLECTIONS ON THE HISTORIAN'S WORK AND IT'S CONTEMPORARY DILEMMAS

Kacia Mikaela de Sousa¹

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo debater algumas das características do ofício do historiador e os dilemas contemporâneos que permeiam a prática historiográfica. A partir dos debates teóricos que giram em torno do ofício do historiador, dialogaremos acerca do seu papel social na contemporaneidade, evidenciando as possibilidades e os seus desafios no mundo digital. Como referencial teórico, utilizaremos autores que tratam do papel do historiador, como Olivier Dumoulin (2017) e Jurandir Malerba (2017). Para refletirmos sobre a escrita da história, utilizaremos Michel de Certeau (1982), Roger Chartier (2010), entre outros.

Palavras-chave: Teoria; Era digital; Ofício do Historiador.

Abstract: This work aims to discuss some of the characteristics of the historian's craft and the contemporary dilemmas that permeate historiographical practice. From the theoretical debates that revolve around the historian's craft, we will discuss the social role of the historian in contemporary times, highlighting the possibilities and challenges in the digital world. As a theoretical framework, we will use authors that deal with the role of the historian, such as Olivier Dumoulin (2017) and Jurandir Malerba (2017). To reflect on the writing of history, we will use Michel de Certeau (1982), Roger Chartier (2010), among others.

Keywords: Theory; Digital age; Historian's craft.

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: Viajantes estrangeiros, Piauí Imperial, economia, sociedade e política. E-mail para contato: kaaciasousa31@gmail.com.

O presente trabalho é fruto de algumas inquietudes que surgiram a partir das discussões desenvolvidas na disciplina de Teorias e Métodos em História no programa de pós-graduação em História na Universidade Federal da Grande Dourados, tais questões são: em que consiste o ofício do historiador? O que os historiadores produzem? Qual é o seu papel social? Qual o desafio do historiador na era digital? Diante disso, pretendemos discorrer sobre algumas especificidades do ofício do historiador na contemporaneidade. De início, deve-se ressaltar que não temos como intuito dar respostas às questões, mas sim refletir e tecer algumas considerações sobre as funções e desafios do nosso ofício.

Embora esses questionamentos não sejam inéditos, uma vez que são indagações levantadas por historiadores de várias gerações, elas refletem as demandas de cada tempo e a necessidade de posicionar-se frente aos ataques que a História – como também outras ciências humanas – e o próprio ofício do historiador vem sofrendo nos últimos tempos. Conforme Marc Bloch (2001), os historiadores são frutos de seu tempo, assim, faz-se indispensável pensarmos sobre a pesquisa histórica e o que fazemos enquanto historiadores.² De fato, refletir sobre o próprio ofício não é uma tarefa fácil, mas é necessário, principalmente no contexto em que vivemos, no qual somos questionados constantemente sobre as nossas funções e a importância do nosso ofício.

Dessa forma, neste ensaio, faremos uma contextualização do ofício do historiador, em um segundo momento, dialogaremos acerca do papel social do historiador na contemporaneidade, evidenciando os desafios e possibilidades de seu ofício frente aos avanços tecnológicos. Por fim, são realizadas breves considerações sobre o tema e sua relevância diante das questões norteadoras deste trabalho.

Na obra *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado* (2003), John Lewis Gaddis compara a postura do viajante de Friedrich com a dos historiadores. Para o autor, “muitos de nós consideram ser este o nosso trabalho, isto é, virar as costas para onde quer que estejamos indo, e focalizar a nossa atenção, de qualquer ponto vantajoso em que nos acharmos, para onde estivemos.”³ Nesse sentido, a função do historiador deveria ser interpretar o passado tentando o

2 BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

3 GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p. 16.

presente com o objetivo de gerir o futuro, pois o passado não seria um guia seguro para prever o futuro, mas sim um meio de nos prepararmos para ele.

Nessa perspectiva, o historiador deve ser um crítico social, pois será ele o responsável por mostrar que assim como as formas de opressão são construídas, elas também podem ser desconstruídas.⁴ Isso pode ser feito por meio do seu papel como educador, visto que, de acordo com Gaddis (2003), uma das coisas mais importantes que qualquer historiador tem a fazer é ensinar. Para o autor, apenas uma sociedade preparada para respeitar o passado, ou seja, uma sociedade com consciência histórica, se tornará uma sociedade mais propensa a se adaptar do que se destruir.⁵

Já para Reinhart Koselleck (2013), assim como o participante, o historiador “não conseguiria evitar de trazer consigo seus pontos de vista, que dependem da origem, do *status*, dos interesses e da posição, de forma que uma História *post eventum* sempre se transforma.”⁶ Nesse sentido, por mais que a leitura do passado seja controlada pela análise dos documentos, ela sempre será dirigida por uma leitura do presente onde o historiador se encontra.

À vista disso, percebe-se que o ofício do historiador demanda bastante esforço crítico, seja para analisar a documentação, os conceitos que utilizamos e até mesmo questões sobre o nosso próprio fazer histórico. Diante dos dilemas contemporâneos sobre o ofício do historiador, principalmente em uma época em que todos se consideram capazes de produzir conhecimento histórico – agindo como historiadores, mesmo sem formação acadêmica –, precisamos discutir criticamente o nosso próprio fazer. Sobre isso, Olivier Dumoulin (2017)⁷ orienta-nos a refletir acerca do papel que a sociedade atribui aos historiadores, os quais muitas vezes são confrontados e obrigados a se posicionar e definir as suas práticas e suas intervenções a fim de legitimar a manutenção de seu ofício, sendo esse muitas vezes visto como inútil. Dessa maneira, Dumoulin enfatiza uma questão relevante: para que servem os historiadores? Com base nessa indagação, o autor expressa que:

A história tem por dever desmistificar, e é nisso que os trabalhos históricos trazem sua contribuição para o debate cívico e constituem uma necessidade. Revelar o que estava oculto, desvelar os traidores

4 GADDIS, John Lewis. **Op. cit.**, p. 165.

5 *Ibidem.*, p. 169.

6 KOSELECK, Reinhart. **O conceito de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 194-195.

7 DUMOULIN, Olivier. **O papel social do historiador**: da cátedra ao tribunal. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

mascarados, indicar as enganações, esse seria o papel social do historiador.⁸

Tendo em vista as demandas do tempo presente, juntamente aos novos meios de comunicação devido ao avanço da tecnologia, as informações propagadas têm circulado e proporcionado narrativas sobre diversos temas e usos do passado. Isso causa-nos preocupação e nos faz pensar sobre as relações entre o conhecimento histórico e as novas tecnologias, como também o impacto que as redes sociais têm causado na realização do trabalho histórico. Em tempos nos quais termos como “pós-verdade”, *Fake News*, estão em evidência, a conscientização dos métodos, práticas e a relevância sociopolítica do exercício do historiador se torna cada vez mais necessário.

De acordo com Francisco Javier Caspistegui, o papel social do historiador no decorrer dos anos sofreu alguns impactos frente as novidades que foram incorporadas no ofício do historiador, como as vantagens e inconvenientes da globalização.⁹ É nesse contexto de transformações que o historiador deve refletir e questionar o seu papel na sociedade. Uma das questões enfatizadas pelo autor é de como enfrentar as censuras daqueles que nos consideram um fardo improdutivo. No século XIX, a história nacionalista assumiu a função educativa e de integração, o que proporcionou a criação de mitos nacionais sob a proteção da história.

Para Caspistegui, “esta visión maniquea jugaba con una finalidad social de la historia que servía para localizar aquellos argumentos necesarios en la fundamentación del Estado-nación.”¹⁰ No entanto, a partir dos acontecimentos nas décadas entre 1914 e 1945, foi necessário repensar o papel da história. Será que enquanto historiadores/pesquisadores/professores estamos respondendo às demandas da nossa sociedade? Talvez seja necessário um aprofundamento das implicações sociais do nosso ofício, considerando as nossas responsabilidades como “constructores y destructores de mitos, forjadores y debeladores de identidades.”¹¹

Após a criação da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale* em 1929, as obras dos seus fundadores passaram a orientar a organização dos princípios da pesquisa

8 DUMOULIN, Olivier. **Op. cit.**, p. 41.

9 GORASURRETA, Francisco Javier Caspistegui. Sobre el papel social del historiador o ¿ para qué servimos?. **Memoria y civilización: anuario de historia**, n. 6, p. 191-207, 2003, p. 194.

10 Ibidem, p. 194.

11 Ibidem, p. 207.

histórica. Carlos Alvarez Maia, no texto *Crise da história ou Crise dos historiadores*, apresenta conceitos que sejam mais eficientes e adequados para a pesquisa histórica. Para ele,

A produção do conhecimento dá-se por intermédio de práticas discursivas que estabelecem uma gramática protocolar - estratégias, metodologias, programas de pesquisa, teorias e até mesmo uma ética corporativa – que validam proposições no interior daquele grupo, que constroem e consolidam sua compreensão do mundo. Cada operação cognitiva é uma produção discursiva que verbaliza os seus fatos, os constitui, recorta e seleciona para si eventos do mundo, dá-lhes existência factual ao verbalizá-los.¹²

Em tempos de crise, os historiadores se veem na necessidade de ressignificar seus métodos de trabalho, pois determinados contextos demandam diferentes formas para o fazer histórico. Inicialmente, precisamos estar atentos que os historiadores estão passando por uma fase de adaptação, com outros objetos de pesquisas, de acordo com seu tempo. Enquanto ciência, a História utiliza-se de métodos e estratégias na construção do conhecimento histórico.¹³ Entretanto, temos visto a necessidade de historiadores/as ocuparem os espaços de poder, como as mídias digitais, uma vez que as tecnologias digitais conduziram o historiador ao espaço *online*. Percebe-se que um dos grandes desafios dos historiadores e seu ofício no âmbito virtual é de conseguir realizar discussões que consigam abranger um público amplo, não engessando a linguagem acadêmica, porém, ao mesmo tempo, sem perder o rigor científico.

É preciso, portanto, pensar no público que quer alcançar, para se pensar na linguagem e na forma como o trabalho está sendo escrito. Entende-se que não é uma tarefa fácil, por isso devemos discutir e analisar os espaços que precisamos ocupar enquanto sujeitos responsáveis pelo processo de ensino aprendizagem e, principalmente, na construção da consciência histórica. Em meio aos discursos negacionistas e narrativas sobre o passado nas redes, aos poucos, temos visto a inserção de historiadores nos espaços virtuais de debates, como também a produção e publicação de trabalhos no ambiente virtual.

12 MAIA, C. A. Crise da História ou Crise dos historiadores: no linguistic turn, o caso brasileiro. **Projeto História PUC-SP**, v. 41, n. 41, p. 351 – 382, dezembro. 2010, p. 366.

13 Sobre isso, conferir o trabalho REIS, D. J. C. O LUGAR DA TEORIA-METODOLOGIA NA CULTURA HISTÓRICA. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 4–26, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28973>. Acesso em: 16 jan. 2023.

A respeito disso, o historiador Jurandir Malerba (2017) em seu trabalho intitulado: *Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital* (2017),¹⁴ nos incentiva a pensar acerca da autoridade do historiador sobre a produção do conhecimento histórico nesse contexto de difusão das mídias digitais. A partir de questões como: quem está autorizado a escrever história atualmente? Seriam apenas os profissionais acadêmicos, os quais escrevem para seus pares em revistas? Ou o escritor entusiasta que escreve em seu *blog* e os autores de *best-seller* também produzem conhecimento histórico? Diante desses questionamentos levantados pelo autor, constatamos a necessidade de os historiadores refletirem sobre as especificidades do seu ofício e os usos políticos que determinados indivíduos fazem da história, tendo em vista que “cada vez mais pessoas interessadas em fazer sentido do passado voltam-se à história como espaço de experiência para guiar sua ação ou para utilizar esse conhecimento como arma política no presente.”¹⁵

Assim, com o advento da internet e das redes sociais, a academia deixou de ser o único espaço de produção de conhecimento histórico, e a sua difusão não é mais apenas através de livros impressos, pois diferentes narrativas sobre o passado estão sendo veiculadas em plataformas digitais. Vale ressaltar que grande parte destas narrativas são deturpadas por intuítos políticos e ideológicos, seja através de e-books de escritores leigos ou por filmes ditos históricos. Com a crescente facilidade do acesso à internet e conseqüentemente a produção de conteúdo, nós, historiadores, precisamos nos posicionar nesse ciberespaço.

Entretanto, Malerba (2017) evidencia que não devemos ignorar o potencial da internet na prática historiográfica. Apesar das problemáticas resultantes dos discursos de indivíduos leigos que se propõem a elaborar narrativas ditas históricas, deve-se ponderar as possibilidades que a internet concede ao historiador, servindo como depósito de fontes e como uma fonte em si. Deve-se também considerar a visibilidade proporcionada pela Internet às produções historiográficas, visto que possibilita a publicação de trabalhos em revistas e entre outras plataformas digitais. Contudo, é preciso ponderar os transtornos que esses recursos digitais trazem, como, por exemplo, o seu caráter efêmero.¹⁶ Para além de ser vista como uma perda de

14 MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 74. 2017, p. 135-154.

15 Ibidem, p. 146.

16 MALERBA, Jurandir. *Op. cit.*, p. 142.

autoridade da disciplina histórica, a internet proporciona a realização de diálogos com outros pesquisadores do campo historiográfico, por meio de eventos *on-line*, além de possibilitar uma maior aproximação e alcançar um público de áreas distintas.

Assim, mediante aos desafios e mudanças nas suas práticas, os historiadores devem perceber as potencialidades proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico. Observa-se que os arquivos antes disponibilizados apenas em espaço físico, agora podem ser acessados de forma *online* com a utilização de ferramentas de busca nos acervos e plataformas digitais. Com isso, novas formas de interpretar fontes também são necessárias, atentando-se também para o tipo de material que será analisado. Para Mariana Flores (2015), o aumento da quantidade de acervos de pesquisas na internet proporciona também “uma economia de tempo considerável aos pesquisadores, além do aspecto da democratização do acesso às fontes, eliminando-se os obstáculos colocados pela distância e custo de deslocamento e estadia.”¹⁷

É preciso ainda avaliar que diante das novas possibilidades, novos problemas e novas fontes e objetos de pesquisa requerem tratamento adequado. Desse modo, deve-se atentar-se para as questões epistemológicas que envolvem esses novos materiais na contemporaneidade, especialmente no que diz respeito as implicações conceituais que tais fontes e objetos de pesquisa demandam. É nesse sentido que os autores Olivia Morais de Medeiros Neta e Lidemberg Régis Santos Danta discutem em seu trabalho sobre o ofício do historiador na chamada Era digital.¹⁸

Como já ressaltado, o avanço tecnológico acarretou mudanças no ofício do historiador, visto que possibilitou o acesso à pesquisa e fontes históricas disponibilizadas nos repositórios e arquivos digitais. Desse modo, a Era digital contribuiu para a comunicação entre sujeitos de lugares distintos e “construiu espaços digitais de interação e participação de diferentes públicos sobre temáticas atuais, seja em fóruns de discussão ou até nas redes sociais, bem como tornou perceptível a problemática da democratização do acesso à internet.”¹⁹ Além disso, é

17 FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. Os bancos de dados, os arquivos digitais e o papel do historiador. *Acervo*, v. 28, n. 2, p. 240-251, 2015, p. 246.

18 MEDEIROS NETA, Olivia Morais de; DANTAS, Lidemberg Régis Santos. O ofício do historiador na Era Digital: entre os desafios e as potencialidades produzidas pelas tecnologias digitais. *Rev. Pemo*, Fortaleza, v.3, n. 3, e335597, 2021. Disponível em <<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5597>>. Acesso em 09.08.2023.

19 MEDEIROS NETA, Olivia Morais de; DANTAS, Lidemberg Régis Santos. *Op. cit.*, p. 4.

relevante considerar que o papel do historiador diante das novas demandas acarretou mudanças no âmbito dos métodos tradicionais dos pesquisadores/historiadores. Com isso, torna-se indispensável que os historiadores se apropriem das ferramentas digitais e compreendam o ambiente virtual.²⁰

Tendo em vista que o conhecimento histórico é produzido através de pesquisa e investigação baseada em métodos e evidências, João Rodolfo Munhoz Ohara (2019) declara que:

(...) o domínio de técnicas de leitura e análise não basta para que o indivíduo 'se torne historiador'. Tornar-se historiador é também cultivar uma série de características subjetivas, apropriar-se de uma fisionomia social reconhecível, incorporar disposições epistêmicas, mas também éticas e políticas (...)²¹

A respeito do caráter ético da relação entre historiador e leitor, Ohara (2019) entende que é a partir da relação ética estabelecida entre historiador e leitor que emerge a confiança em relação à verdade do texto histórico, pois, segundo o autor, a figura do historiador está associada e habilitada para produzir discursos verdadeiros sobre o passado. Nas últimas décadas temos visto várias mudanças nas formas como se escreve e se consome história.²² Desse modo, diante de uma ampla rede de difusão de conhecimento histórico, muitas vezes implica que qualquer um detém autoridade sobre o conhecimento histórico. Atualmente os historiadores encontram-se diante de um impasse, por um lado, estão sob tensão profissional para escrever apenas para seus pares, por outro lado, eles devem ter uma ambição de falar para um público amplo.²³

Perante o exposto, percebe-se o dilema do historiador ao ter que disputar espaço e defender o seu ofício diante da crescente facilidade de acesso às diversas narrativas sobre os mais variados temas. Além disso, Ohara (2019) ressalta a necessidade de respondermos às demandas que surgiram com a emergência midiática da "pós-verdade". Para o autor, é preciso posicionar o historiador como agente moral e figura socialmente autorizada e credenciada para falar do passado.²⁴

20 Ibidem, p. 10.

21 OHARA, J. R. M. Ética, Escrita e Leitura da História: os problemas da expectativa e da confiança. **Revista de História**, [S. L.], n. 178, p. 1-28, 2019, p. 4.

22 MALERBA, op. cit., p. 146.

23 Ibidem, p. 146.

24 OHARA, **Op. cit.**, p. 24.

No que se refere ao impacto das novas tecnologias sobre a história, Roger Chartier (2010) expõe que a história na era digital modificou a relação entre o historiador e o leitor, visto que “no mundo dos impressos, um livro de história supõe um pacto de confiança entre o historiador e o seu leitor.”²⁵ Pois as notas indicadas pelo autor não poderiam ser verificadas facilmente pelo leitor, diferentemente do texto digital que o leitor poderá consultar por si mesmo. Assim, as novas modalidades de produção alteraram também a relação entre o historiador e o leitor, especialmente na validação dos discursos de saber histórico.

Michel de Certeau (1982) discorre sobre a história como uma operação historiográfica, considerando a sua relação com um *lugar social* onde o fazer historiográfico está implicado com o seu lugar de produção político, cultural e socioeconômico.²⁶ Relacionado também com a *prática científica*, as técnicas e procedimentos de pesquisa, nisso o historiador também é guiado por regras da ciência a partir do uso de métodos na produção do conhecimento científico, bem como na legitimação de seu trabalho. Por fim, ele ressalta que no fazer historiográfico também há a construção de uma *escrita* sobre o real, isto é, a escrita também é uma prática do historiador.

Destarte, nós historiadores devemos refletir sobre as demandas da nossa época, visto que a divulgação do conhecimento histórico não se limita apenas ao espaço acadêmico. Assim, é preciso enfatizar que, diferentemente das versões superficiais e/ou negacionistas sobre eventos históricos, o conhecimento histórico é produzido através de procedimentos científicos, com métodos guiados pela crítica das fontes e pela busca de evidências diversas. Isso é nos distingue daqueles que não possuem capacidade de realizar um debate historiográfico. Nessa perspectiva, Certeau (1982) salienta que fazer história é uma prática científica que inclui técnicas de produção e procedimentos de pesquisa.²⁷ O historiador em seu ofício também segue regras da ciência, utilizando-se de métodos e técnicas para produzir conhecimento científico, analisando fontes, realizando pesquisas em arquivos, interrogando e selecionando.

25 CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 60.

26 CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982, p. 13-119.

27 Ibidem., p. 78.

Considerando a atual conjuntura, na qual a profissão de historiadores e demais profissionais da área de humanidades têm sido deslegitimada, neste trabalho tecemos algumas reflexões sobre o trabalho dos profissionais da história. Uma discussão crucial, tendo em vista o período de deslegitimação dos historiadores e historiadoras que vivenciamos no Brasil, resultado do projeto de desmonte da ciência e da pesquisa do governo vigente. Nesse sentido, pensar o fazer historiográfico a partir do tempo presente nos ajuda a repensar nossos próprios métodos e instruí-los a interpretar a condição entre o historiador e seus leitores, sejam eles leigos ou pares.

É notório que já existem historiadores(as) imersos(as) no âmbito virtual produzindo material de qualidade e com rigor teórico-metodológico, porém o seu alcance ainda não é tão grande quando comparados a outros canais, como o *Brasil Paralelo*,²⁸ canal dirigido por Henrique Viana, Lucas Ferrugem e Felipe Varelim, que dizem ter como propósito apresentar um “novo olhar” sobre os fatos históricos. Porém, vemos que as suas produções são revisionistas/negacionistas, os quais ignoram o consenso estabelecidos dentro da comunidade de historiadores sobre temas como nazismo, ditadura, fascismo, entre outros.

Longe de ser algo definitivo, este ensaio buscou contribuir no debate no seio da comunidade historiográfica acerca das responsabilidades e do papel do historiador em nossa sociedade. Buscamos a partir da discussão proposta convidar a comunidade dos historiadores e a quem possa interessar, a refletir sobre o ofício dos profissionais da história em tempos permeados por crises.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982, p. 13-119.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 7-77.

DUMOULIN, Olivier. **O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 11-138.

FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. Os bancos de dados, os arquivos digitais e o papel do historiador. **Acervo**, v. 28, n. 2, p. 240-251, 2015.

28 Sobre o tema, ver o trabalho de Diego Martins Dória Paulo. Os mitos da Brasil Paralelo—uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). **REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em < <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/4180>>. Acesso em 09.06.2023.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história**: como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p. 15-69; p. 148-171.

GORASURRETA, Francisco Javier Caspistegui. Sobre el papel social del historiador o ¿ para qué servimos?. **Memoria y civilización: anuario de historia**, n. 6, p. 191-207, 2003. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/handle/10171/9334>. Acesso em: 10 fev. 2023.

KOSELECK, Reinhart. **O conceito de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 119-222.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, nº 74. 2017, p. 135-154.

MAIA, C. A. Crise da História ou Crise dos historiadores: no linguistic turn, o caso brasileiro. **Projeto História PUC-SP**, v. 41, n. 41, p. 351-382, 2010.

MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de; DANTAS, Lidemberg Régis Santos. O ofício do historiador na Era Digital: entre os desafios e as potencialidades produzidas pelas tecnologias digitais. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n. 3, e335597, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5597>

OHARA, J. R. M. Ética, Escrita e Leitura da História: os problemas da expectativa e da confiança. **Revista de História**, [S. l.], n. 178, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/142982>. Acesso em: 16 jan. 2023.

Recebido em: 17/11/2022

Aprovado em: 15/03/2023